

IMPORTÂNCIA DE LIBRAS NA SALA DE AULA

Andrea Carolina Bernal Mazacotte¹

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo apresentar a história da educação de surdos com o intuito de desmitificar as ideias presentes no nosso cotidiano que acabam por influenciar diretamente o contexto de sala de aula. Para atingir os objetivos, optou-se pela metodologia bibliográfica sobre os principais autores na área (SANCHEZ, 1990; MEADOW, 1980; MOURA, 2000; STOKOE, 1999; STROBEL, 2008). A partir de se compreender a importância histórica dos sujeitos surdos na sociedade, observamos que o professor ao ter esse conhecimento histórico consegue explicar de forma efetiva que as línguas de sinais são línguas que apresentam história, cultura e estrutura linguística e que sua falta de divulgação deve-se principalmente pelo um momento histórico mundial – Congresso de Milão – que oprimiu as línguas sinalizadas por 100 anos.

Palavras-chaves: Língua de Sinais, Libras, ensino.

Abstract: The purpose of this communication is to present the history of the education of the deaf with the purpose of demystifying the ideas present in our daily life that end up directly influencing the classroom context. In order to reach the objectives, the bibliographical methodology on the main authors in the area was chosen (SANCHEZ, 1990; MEADOW, 1980; MOURA, 2000; STOKOE, 1999; STROBEL, 2008). From understanding the historical importance of deaf subjects in society, we observe that the teacher, by having this historical knowledge, can effectively explain that sign languages are languages that present history, culture and linguistic structure and that their lack of dissemination should Mainly because of a world historical moment - Congress of Milan - that oppressed the languages signaled for 100 years.

Keywords: Language of Signs, Libras, teaching.

¹Professora da Unioeste/Campus Foz do Iguaçu. Licenciado em Letras/Libras – UFSC. Especialista em Educação Especial e Libras.

INTRODUÇÃO

Na escola, no terminal de onibus, na praça, no shopping encontramos um grupo de pessoas gesticulando, rindo, não falam, só emitem os sons ou ruídos. O pessoal que está ao redor, o que pensam deles? A maioria das pessoas pensa que eles são: deficientes, coitadinhos, incapazes e dentre outras coisas. Também pensam que o surdo que conversa em Língua de Sinais não vai desenvolver a fala e por isso é importante “normalizar”. Mas, na verdade, estes grupos são de surdos que tem sua língua, sua cultura e a sua comunidade. É a mesma coisa que um grupo de americanos, falam em inglês, eles riem, conversam normalmente e as pessoas o que pensam neles? Não é mesma coisa? Para o surdo não é nada disto que estão pensando, eles são capazes, inteligentes, eficientes e não coitadinhos. Cada surdo tem seu ritmo de desenvolvimento de aprendizagem, possui sua cultura, sua língua e sua identidade.

Durante muitos anos os surdos sofreram nas mãos da corrente oralista, que proibia o uso da língua de sinais. O oralismo procurava normalizar as pessoas surdas. Foram muitos anos de sofrimentos e até agora quando vai começar a respeitar a diferença lingüística dos surdos? Qual é a melhor linguagem do surdo, ou seja, o que é melhor aprender a língua portuguesa – ORAL ou língua de sinais – LIBRAS? O que é melhor para ele?

Para entender melhor esta situação faz-se necessário rever a história do surdo desde a Antiguidade. Dessa forma, a presente comunicação tem por objetivo apresentar a história da educação de surdos com o intuito de desmitificar as ideias presentes no nosso cotidiano que acabam por influenciar diretamente o contexto de sala de aula. Para atingir os objetivos, optou-se pela metodologia bibliográfica sobre os principais autores na área (SANCHEZ, 1990; MEADOW, 1980; MOURA, 2000; STOKOE, 1999; STROBEL, 2008).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Desde a antiguidade está registrado na Bíblia, um dos mais antigos documentos históricos, uma lei acerca de como o povo devia tratar os surdos “Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou

o SENHOR". (Genesis 19:14). Comprovando que já nos tempos de Moisés existiam surdos e a preocupação de como tratá-los.

Na Antiguidade as pessoas que nasciam surdas eram discriminadas, desprezadas e até eram assassinadas. As pessoas pensavam que o surdo era louco, imbecil, não tem de razão, não tem pensamento e doente. Era excluído da sociedade por não ter condições de educação, a capacidade cognitiva era associada diretamente a expressão oral.

Ao passar do tempo, no século VI, com o novo Código de Justiniano, é que se começou a perceber a diferença entre os tipos de surdez: o surdo de nascença (pós-linguístico) e o que ficou surdo após nascer (pré-linguístico). Que começou dar valor para surdo pré-linguístico do que pós-linguístico por causa incapacidade de aprender (SANCHEZ, 1990).

Esta distinción traía aparejadas importantes consecuencias en cuanto a la situación legal y al reconocimiento de los derechos de unos y otros. El hecho de haber podido recibir educación hacer suponer que los sordos del segundo grupo habían alcanzado un dominio mínimamente eficaz del lenguaje antes de perder la audición. (SANCHEZ, 1990, p. 32)

De acordó Meadow (1980, p. 23), "Si estas personas habían adquirido conocimiento de las letras antes de su afección, se les permitía dirigir sus propios asuntos por medio de la escritura." Mas na verdade, os surdos são inteligentes, e podem receber educação, a falta de ouvido ou de ouvir não impede ele através da língua de sinais, ter acesso a todos os níveis de conhecimento.

O francês Charles M. de L'Eppe (1712-1789), foi o primeiro a reconhecer os surdos que se comunicavam através de gestos, então criou a língua de sinais como um sistema linguístico, o resultado foi surpreendente. Os alunos surdos eram capazes de planejar adequadamente a linguagem escrita e traduzir sem dificuldades na leitura (MOURA, 2000).

L'Épée pensou em dar aos Surdos o acesso à língua escrita pela associação de suas idéias com a Língua de Sinais. Isto permitiria que eles tivessem acesso e entendessem a palavra de Deus. Para tanto ele usava os Sinais que os Surdos já denominavam para explicar conceitos abstratos. [...] os alunos conseguiram

Andrea Carolina Bernal Mazacotte

sinalizar qualquer texto escrito ou escrever qualquer texto em francês gramaticalmente correto quando ditado por ele (L'Eppe). Este sistema foi chamado de Sinais Metódicos e implicava num aumento muito grande de sinais. Entretanto, a explicação do conteúdo do texto se dava através da Língua de Sinais, que também continuava a ser usada na comunicação entre Surdos. (MOURA, 2000, p.23)

Segundo Moura (2000) e Sanchez (1999), no século XIX, os médicos procuraram a “cura” para a surdez, tentando corrigir a anormalidade, evitando manifestações de diferença, e tentando a todo custo fazer o surdo falar, proibindo-lhe que se manifestasse através de sinais.

A surdez, vista até agora como um problema filosófico, religioso e social, [...] transformando o Surdo num doente. [...] a maioria dos profissionais que trabalham na área, para os quais a surdez é uma doença a ser erradicada. [...] a transformação da surdez, num problema exclusivamente médico, com promessas de cura e reabilitação.” (MOURA, 2000, p.26)

[...] un objetivo: corregir la anormalidad, evitar la manifestación de la diferencia, y concretada en dos indicaciones: hacer que el sordo hablase como los oyentes e impedir que se expresase con señas. (SANCHEZ, 1999, p. 60)

Itard é conhecido como o médico que sempre dizia que: “a surdez é uma doença” (MOURA, 2000). Ele queria integrar o surdo na escola regular, um aluno surdo por sala, evitando a língua de sinais. Fazia-se tratamento com fonologia, psicopedagogia, psicológico e muitos outros. Queriam acabar com a “raça” dos surdos. Ao passar de anos e anos, verificou-se que o surdo não aprendeu nada e ficou cada vez mais alienado. Isso significa que o surdo em sala de aula tentava ler os lábios ou ouvir a professora falar, mas não conseguia compreender, era adestrado sem saber o sentido e nem o significado do que era transmitido a ele.

Após 16 anos de tentativas e experiências frustradas de oralização e remediação da surdez, sem conseguir atingir os objetivos desejados, Itard rendeu ao fato de que o Surdo só pode ser educado

através da Língua de Sinais. (MOURA, 2000, p. 27)

Por esses motivos esta corrente oralista (que ensina surdo a falar) não estava dando certo. A corrente Gestualista (que ensina surdo a língua de sinais) vem mostrar a importância da língua de sinais, causando conflito entre os oralistas e os gestualistas.

De acordo com Moura (2000) e Sanchez (1999) no ano de 1880, surge o Congresso Internacional de Educação do Surdo, que é realizado em Milão no mês de setembro, tem o objetivo de definir a educação do surdo: oral ou gestual. Este congresso foi preparado pelos oralistas para acabar com a língua de sinais, estiveram presentes vários educadores, médicos e pouquíssimos surdos. Houve divergência, o que foi decidido através de votação e acabou ganhando: oralismo. Que durou por mais de 100 anos, foram tempos escuros, tristes e de sofrimento para os surdos.

El Congreso de Milán fue preparado por La militancia oralista con el propósito definido de dar fuerza de ley a sus posiciones respecto a la sordera y a la educación de los sordos. (SANCHEZ, 1999, p. 67)

O Congresso não discutiu diretamente métodos de ensino de linguagem. O interesse era reafirmar a necessidade de substituição da Língua de Sinais pela língua oral. (MOURA, 2000, p.47)

[...] mayoría europeos y oyentes, votaron por aclamación la conveniencia absoluta de la metodología oralista y la proscripción de la lengua de señas. [...] se cerraron al grito de "viva la palabra!" (SANCHEZ, 1999, p. 67)

Lamentablemente hubo de pasar casi un siglo para que esto sucediera. No hay mal que dura cien años [...] los sordos, [...] sufrirán las consecuencias indelebles de este largo periodo de oscurantismo. (SANCHEZ, 1999, p. 68)

Antes de surgir esta corrente oralista e ser proibida a língua de sinais os surdos se tornavam até acadêmicos, pois desenvolviam sua inteligência normalmente, tudo através da língua de sinais. Com essas questões, acabou por ser proibido o uso dos sinais, e nada era ensinado para a criança surda até os cinco anos de idade.

O surdo tinha que aprender fazendo leitura labial, “aprender a ouvir nos lábios”. Só que se ignorava que na leitura labial ele consegue captar pouca mensagem.

Além disso, tornou-se obrigatório o uso de amplificador (aparelho auditivo), tudo com o objetivo de ensinar o surdo a falar, sem dar-lhe opção de escolha. Por muito tempo, verificou-se que o oralismo não dava certo porque não ajudava o surdo a adquirir o conhecimento e a preparação para a vida na sociedade. Existem surdos que depois de muito tempo aprenderam a falar, mas já estão velhos e não aprenderam a ler e escrever, vivem uma vida dependente de outros.

Encontramos surdos acadêmicos, que na sua maioria são parcialmente surdos e surdos pré-linguísticos. A escola regular aceita facilmente surdos que já aprenderam a falar, ouvir e ter educação. As escolas especiais ou institutos resolveram preparar o jovem surdo para o mercado de trabalho, evitando assim a exploração, a mendigação e a malandragem. Criaram então oficinas.

Só que o problema continuou, porque os surdos de nascença e o profundo não conseguem falar nem ouvir, por isso não podiam estudar. Na França, em 1979, o surdo deste tipo ganhava “certificado” que concluiu os estudos sem ter aprendido nada. De 90% dos surdos eram então analfabetos e não podiam incorporar-se a escola regular, sofrendo pela discriminação. Já o surdo pré-linguístico e meio surdo era “educado”. Viu-se então que era preciso usar a língua de sinais ou alfabeto manual para o surdo aprender (SANCHEZ, 1999).

La mayoría de los sordos profundos, por otra parte normales, puede adquirir perfectamente un bagaje cultura del orden de un Certificado de Estudios y una buena ocupación que les asegure la subsistencia. (SANCHEZ, 1999, p. 110. Apud LAUNAY, BOREL, MAISONNY, 1979)

Este Certificado de Estudo equivale a 5ª série em nosso país. Os surdos ganhavam “certificado” para garantir sustento na vida, ou seja, conseguir emprego, mas trabalha coisa simples para evitar mendigação, prostituição e delinquência. Os surdos profundos educados na metodologia oralista são analfabetos em aproximadamente 90% dos casos (SANCHEZ, 1999).

Na década de 60, nos Estados Unidos começou a ser trabalhado com a língua de sinais, que tem sua estrutura semelhante a língua natural falada, pois cumprem as mesmas funções. “es probatorios de que la lengua de señas no es menos que un lenguaje en la gramática, la sintaxis, la

sintaxis, la pragmática y la semántica, así como en su capacidad para expresar ideas con precisión.” (STOKOE, 1999, p. 86)

Willians Stokoe que é um estudioso da lingüística e seus grupos de pesquisas descobriram e publicaram a estrutura da língua de sinais afirmando que ela é uma língua própria do surdo que nela tem suas regras específicas e apresenta estruturas sistemáticas em todos os níveis lingüísticos.

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo e não como um problema do surdo [...]. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS, 2004, p.30)

E com isso causou conflito com os oralistas. Que a Língua de Sinais é uma língua materna do surdo. O surdo com surdez leve ou moderada pode entender a língua oral, mas com a língua de sinais ele fala e se expressa melhor.

Segundo Sacks (1998), o oralismo foi mal entendido e só contribuiu para a marginalização do surdo que não pode participar da cultura dominante. Gallaudet diz, “a língua de sinais era a língua materna de toda a humanidade”. Para L’Eppe a língua de sinais facilita para que o surdo adquira o conhecimento e aprendizagem da língua falada, no entanto a língua de sinais não deve ser um meio para a aprendizagem da língua oral, pois ela é a língua natural e como tal deve ser respeitada.

Os surdos podem comunicar-se mais facilmente e com maior precisão pela Língua de Sinais, porque o cérebro deles se adapta para esse meio e, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente e serão duplamente deficientes. (SACKS, 1998, p. 45)

A língua de Sinais anula a deficiência e permite que os surdos constituam, então, uma comunidade lingüística minoritária diferente e não um desvio da normalidade. Com a língua de sinais o surdo toma a palavra. (SKLIAR, 2005, p. 67)

Então, começou com a nova pesquisa lingüística na área de Língua de Sinais, e surdos no Brasil ainda continua lutando até conseguiu aprovação de Lei de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e sua regulamentação com a Resolução 5626/2005 (Decreto de Libras) que se deu novo horizonte para mundo do surdo.

Os dados mostraram que oralismo não foi benéfico, muitos surdos não evoluíram e só traz sofrimento e com a Língua de Sinais o surdo progrediu. A escola para/do surdo trabalha com a nova proposta de Bilinguismo, que compreende o ensino de duas línguas: a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, assim o surdo desenvolve sua aprendizagem e compreende melhor das coisas que o rodeiam.

Atualmente, surdos sente orgulho de Língua de Sinais, tem sua Cultura, mas sente dificuldade desenvolver sua identidade, pois a família é ouvinte e convive sociedade ouvinte, a maioria aprendeu LIBRAS na escola de/para surdo e na associação de surdo. O importante é contato com surdos para desenvolver auto-estima e lingüístico. Por isso, a escola para/do surdo é suma importância para surdos que possa encontrar outros surdos como elo entre surdos que nela fortalece cultura e comunidade surda.

A família é fundamental para desenvolvimento da criança, mas para surdo será como "estrangeiro" da família, isto é, família é ouvinte e um indivíduo que é surdo, como terá diálogo entre si?! Há carência de dialogo! Na maioria dos casos, com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos é a carência de diálogo, entendimento e da falta de noção do que é a cultura surda. (FURTADO, 2008)

Os surdos com ausência de diálogo sentem-se sozinhos ou estrangeiros na própria família, e com isso não se sentem bem e acabam saindo de casa para encontrar outros surdos para conversar, passear, compartilhar a vida. Então, por isso importante ter uma Comunidade Surda, para que os surdos possam se encontrar, conversar, compartilhar suas experiências de vida, desenvolver sua cultura e sua luta. Novaes (2010, p.57) relata que a:

Comunidade Surda surgiu da necessidade do povo surdo de se organizar e ter um espaço para reunirem contras as práticas que desejam impor a cultura ouvinte aos sujeitos surdos, por meio de mecanismos clínicos, proibindo, por exemplo, o uso da língua de sinais.

Comunidade Surda é “um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos.” (PADDEN e HUMPHIRES, 2000, p. 5 apud KARIN, 2008, p. 30)

A Comunidade Surda tem grande importância e responsabilidade da transmissão de conceitos culturais, esportivos, políticos, religiosos e fraternais.

A sociedade pensa que os surdos são incapaz, doente, deficientes, problema, não pode casar, estudar e nem trabalhar; e surdos comprovam que são normais só único problema é a falta de comunicação. Por isso, é importante aprender Libras para comunicar com surdo. Quando entrar na Comunidade Surda, percebem que os surdos têm sua cultura, sua língua, sua história, sua luta e sua capacidade. Surdo tem sua cultura? Claro que sim, conforme Strobel (2008, p. 24):

A Cultura Surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando – os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Por isso, a Comunidade Surda está aberta para conhecimentos do público ouvinte, como um viés intercultural, mas contam com os apoios de sujeitos ouvintes envolvidos – familiares, intérpretes, professores, amigos, etc. E com isso vai convivendo e aprendendo com eles. Por isso, os surdos precisam pessoa que saiba Libras que facilita comunicação e ouvinte precisa aprender Libras, fazendo curso de Libras para conhecer a Cultura Surda e conviver com Surdo para melhorar desenvolvimento lingüístico.

De acordo com o Decreto nº 5626, no capítulo IV no parágrafo V, mostra que: “V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;” A Escola Bilingue de/para surdo “obedece” este decreto, na qual os professores, alunos, funcionários e direção da escola sobre o uso e difusão de Libras, também a escola se difundi aos familiares e pessoas da comunidade interessadas em adquirir essa segunda língua, visto que a sua primeira língua é o português (oral-auditiva).

Então, a Escola Bilingue de/para surdo oferece curso de Libras para Comunidade interessado, família e funcionários que trabalham com surdos. O ensino de Libras para ouvinte como a 2ª língua é feito cursos específicos e seu aprimoramento e através da comunicação e contato, com os grupos de surdos e comunidade surda. O professor é surdo que representa como professor de língua estrangeira para ouvinte.

Se fizer curso de inglês, por exemplo, vai aprender a língua e terminou o curso, e depois aonde vai continuar aprendendo a falar inglês? Pois, mora no Brasil, tem povo americano? E aonde vai continuar aprendizagem? E para aprender Libras é diferente, pois quando terminar o curso de Libras, onde vai continuar contato? Vão à associação do surdo, na casa do surdo, na escola, na igreja que tem surdo e outros lugares que tem presença surda. E com isso ainda continua desenvolvendo a Língua de Sinais.

No curso de Libras, quem mais interessa de aprender são os profissionais na área de surdez, pessoas que tem contato com os surdos e por ultimo os familiares.

Falando sobre família, a maioria da família sonha ter um filho saudável, mas aconteceu filho surdo, pois não estava no plano. Foi um “choque” emocional, não estava preparado para receber filho surdo. Não imaginava o que vai acontecer. O médico e fonoaudiólogo orientam os pais para o melhor caminho futuro filho: ir à escola regular, treinamento da fala e audição. Difícil ver médico e fonoaudiólogo falar importância de Libras. Os pais ficam na dúvida e acabam confiando no médico.

Quando chegar idade escolar encaminha para escola regular. O professor descobre que é surdo, pede pais encaminha na escola de surdo na região para o bem filho surdo. Muitos pais não aceitam Libras por causa dificuldade de comunicação. São pouquíssimos os pais que se preocupar e ter vontade aprender Libras para melhor comunicação. São pouquíssimos pais que são surdos e maioria é ouvinte. Por isso, é importante a família compreender que é importante aprender Libras para comunicação com filho surdo também bom conhecer a Cultura Surda.

Sabemos que tem escola inclusiva e escola especial, a escola especial se chama agora de escola regular com modalidade educação especial, e escola inclusiva é escola pública que tem sala de aula, os alunos são ouvintes e surdos, os surdos têm presença de intérprete. Na realidade, maioria frequenta na escola inclusiva com presença de intérprete.

A sociedade, governo, política sempre falaram muito de inclusão, mas não pensou antes como organizar estrutura de inclusão, falta acessibilidade e adaptação. Precisava antes preparação, curso para professores como lidar esta situação e depois receber alunos surdos. E também como lidar com preconceito na sala de aula, muita escola regular não tem disciplina de Libras e conteúdo relacionado com surdos não tem.

Por isso, importante a sociedade, escola, professores, família precisa conhecer Cultura Surda, Libras, para poder ajudar desenvolvimento e autoestima de cidadão surdo. Surdo tem seu direito, dever, pode ser um cidadão, mas sente dificuldade de acessibilidade, respeito e igualdade.

Para trabalhar com alunos surdos a ter consciência, e tornar se um cidadão critico diante da situação em que vive, ou seja, saber o que escolher para futuro caminho dentro da sociedade. Podemos trabalhar através de Literatura Surda.

Na Literatura Surda, de acordo com Strobel (2008, p. 65):

Literatura Surda – na literatura ela traduz da memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, romances, fabulas, contos, lendas e outras manifestações culturais.

A Literatura Surda também envolve as piadas surdas que exploram a expressão facial e corporal, o domínio da língua de sinais e a maneira de contar piada naturalmente. São consideradas extra-ordinárias na comunidade surda.

Na maioria das vezes estas piadas e anedotas envolvem a temática das situações engraçadas sobre a incompreensão das comunidades ouvintes acerca da cultura surda e vice-versa.

Trabalhando através de literatura, procuramos conhecer sujeito surdo, passando informações da importância identidade surdo, sua história, sua luta e sua língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de se compreender a importância histórica dos sujeitos surdos na sociedade, observamos que o professor ao ter esse conhecimento histórico consegue explicar de forma efetiva que as línguas de sinais são línguas que apresentam história, cultura e estrutura linguística e que sua falta de divulgação deve-se

principalmente pelo um momento histórico mundial – Congresso de Milão – que oprimiu as línguas sinalizadas por 100 anos.

Dessa forma, verifica-se que a língua de sinais é muito rica, que apresenta aspectos linguísticos como outras línguas: estrutura gramatical, gíria, metáfora, morfologia, sintaxe, fonologia e entre outros. Segundo Quadros (2010, p. 05):

A língua de sinais brasileira é uma língua usada pela comunidade surda brasileira. É uma língua reconhecida pela Lei 10436/2002 e pelo Decreto 5626/2005. Essa língua é visual-espacial, ou seja, se realiza no espaço com articuladores visuais: as mãos, o corpo, os movimentos e o espaço de sinalização. É uma língua usada entre os surdos, a partir do momento em que acontece o encontro surdo-surdo. As escolas, as associações dos surdos, os pontos de encontros são locais em que a comunidade surda se encontra e usa a sua língua. [...] Tal língua apresenta todos os níveis de análise de quaisquer outras línguas, ou seja, o nível sintático (da estrutura), o nível semântico (do significado), o nível morfológico (da formação de palavras), o nível fonológico (das unidades que constituem uma língua) e o nível pragmático (envolvendo o contexto conversacional)”

Também Furtado (2008, p. 83) relata que:

Libras, como toda a língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual – visual porque utilizar, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; diferencia-se de modalidade oral – auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvintes. Mas, as diferenças não estão apenas na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. (FURTADO, 2008, p. 83)

A língua de sinais possui os seguintes níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático. Como mostra Furtado (2008):

No nível fonológico, as línguas são formadas de fonemas. Os fonemas só têm valor contrastivo, não tem significado, mas, a partir das regras de cada língua, se combinam para formar os morfemas e esses as palavras. (FURTADO, 2008, p. 83)

No nível morfológico, diferente dos fonemas, cada um dos morfemas tem um significado.

No nível sintático, as palavras se combinam com outras para formarem as frases, que precisam ter um sentido em coerência com o significado das palavras em, um contexto, o que corresponde aos níveis semânticos (significados) e pragmáticos (sentidos no contexto onde está sendo usada) respectivamente. (FURTADO, 2008, p. 84)

Para finalizar, a língua de sinais é suma importância para desenvolvimento dos surdos, então, nela tem estrutura gramatical e por isso os surdos têm sua própria língua que deve ser respeitada. E a família e a sociedade precisam compreender que surdos se comunicar em Língua de Sinais. Se todo aprender Língua de Sinais e fica fácil a comunicação entre surdos e ouvintes. Isto é inclusão social.

E relembro que toda faculdade e universidade que tem curso de formação de professores e todos os cursos de licenciatura de acordo como o decreto nº 5626, no capítulo II mostra que é obrigatória disciplina de Libras, e com isso na faculdade onde os cursos terão disciplina de Libras que os acadêmicos vão aproveitar aprender e conhecer Libras e comunidade surda e se preparando para inclusão para pessoas surdas.

Quem pode ministrar curso de Libras?! Prioridade professor surdo que tem formação de Letras Libras. O curso graduação de Letras Libras é fundamental para desenvolvimento linguístico de Libras, fortalecendo identidade surda, conhecendo cultura surda, história de educação surdo, aspecto linguístico de sinais e dando valor da formação para mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. F.A Bíblia Sagrada.Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1996.

DECRETO DE LIBRAS. Disponível em site: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em 06 de dezembro de 2010.

DIAS, T. R. S.; PEDROSO, Cristina C. A.; ROCHA, P.; ROCHA, J. Uma análise sobre o ensino (Libras) a familiares ouvintes de alunos surdos. In: LIMA, Rita de Cassia P.; GONÇALVES, M. F. Carvalho. (Org.) Sujeito, escola, representações. Florianópolis: Insular, 2006. Pag. 95 - 111.

FENEIS. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/FENEIS>> Acesso agosto de 2010.

FURTADO, R. S. S. SURDEZ: e a relação pais-filhos na primeira infância. Editora da ULBRA, Canoas, 2008.

GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa? São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALLS, S. Identidade Culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro; DP&A, 1997.

IDENTIDADE SURDA – Flaviane Reis. Disponível em <<http://www.surdos-ce.org.br/subsidios/artigo1.htm>> Acesso em 18 de outubro de 2005.

IDENTIDADE SURDA: Gladis Perlin. Disponível em <<http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=1347&codtipo=2&subcat=34&canal=cientifico>> Acesso em 18 de outubro de 2005.

LANE, H.A máscara da benevolência: A comunidade surda amordaçada. Instituto Piaget, Lisboa, 1992.

LEI DE LIBRAS. Disponível em site: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em 06 de dezembro de 2010.

MEADOW, K. Deafness and Child Development. Ed. University of California Press. Los Angeles, 1980.

MOURA, M. C. de. O SURDO. Caminho para uma Nova Identidade. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.

NOVAES, E. C. SURDOS - Educação, Direito e Cidadania. Editora WAK, Rio de Janeiro, 2010.

PADDEN, C. (1989) The Deaf community and the culture of Deaf people. In: WILCOX, S. American Deaf Culture. An Anthology, Linstok Press, Burtonsville, Maryland, p.1-16.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. Inside Deaf Culture. Cambridge: Harvard University, 2005.

PERLIN, G. T.T. Historia de vida Surda: identidades em questão. Dissertação de Mestrado, Universidade federal do RS – Porto Alegre, 1998.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. Disponível em <http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Page568.htm> Acessível dia 24 de outubro de 2010.

QUADROS, R. M. de; PERLIN G. Estudos Surdos II. Petrópolis, RJ; Ed. Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M. Educação de Surdos: A aquisição de linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SACKS, O. Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANCHEZ, C. M. La increíble y triste historia de la sordera. Creprosordo, Chile, 1990.

SANTANA, A. P. Surdez e Linguagem: Aspectos e implicações neurolingüísticas. São Paulo: Ed. Plexius, 2007.

SILVA, A. C. da; NEMBRI, A. G. (org.). Ouvindo o silêncio: surdez, linguagem e educação. Editora Mediação, Porto Alegre, 2008.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre psicologia e a educação dos surdos. In: C. SKLIAR (org.). Educação e Exclusão: abordagens sócio-antropológica em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. P.105-153.

SKLIAR, C. (Org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

STOKOE, W. Sign Language Structure. Linstock Press, Silver Spring, 1978.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.